

SOBRE «LIVROS DE PASTORES»: UMA INVESTIGAÇÃO EM CURSO

ZULMIRA SANTOS*

A ficção em prosa dos séculos XVII e XVIII, dos «livros de pastores» às novelas de aventuras de acento bizantino, alegóricas e filosóficas, para usar designações correntes, não incorporam, salvo raríssimas excepções, o cânone da literatura portuguesa, como se, depois de *Menina e Moça* (1554) de Bernardim Ribeiro, este tipo de prosa tivesse sofrido um movimento de «decadência», potenciado pela proliferação de «livros de cavalarias», cujas edições se mantiveram até aos finais do século XVIII, concitando a atenção de editores e leitores. Independentemente da diferença qualitativa, em termos de valoração e validação literária — ninguém duvida que o texto de Bernardim Ribeiro é, de todos os pontos de vista, uma obra-prima do «exercício de dizer a paixão amorosa»¹, a narrativa em prosa posterior foi objecto de apreciações pouco positivas pelas obras que, sobretudo a partir do século XIX, se empenharam em contribuir para a fixação do cânone. Esse movimento que, verdadeiramente, recupera algumas das apreciações de teor «iluminista», sejam elas da primeira metade do século, como as de Verney² ou da segunda, como, por exemplo, as de

* CITCEM/FLUP.

¹ Permito-me recuperar a expressão do Prof. Jorge Osório em muitas aulas sobre a *Menina e Moça* embora, creio, nunca a tenha «registado» por escrito. Em todo o caso, «o seu a seu dono» e o agradecimento por muitos caminhos de investigação. Sobre esta questão ver OSÓRIO, 1996; OSÓRIO, 2004: 351-376.

² Apenas alguns exemplos: Verney, no *Verdadeiro Método de Estudar* (1746), verberará o mau-gosto do *Alívio de Tristes* (1672) de Mateus Ribeiro, no campo da eloquência e na demasiada preocupação com o título (VERNEY, 1950: 115). António Dinis da Cruz e Silva, no Canto III do *Hissope*, entenderá a *Roda da Fortuna*, do mesmo Mateus

Lima Bezerra³, encontram uma concretização conhecida e divulgada na *História da Literatura Portuguesa* de Teófilo Braga⁴, cujas apreciações continuaram a reproduzir, com sucesso, o esquema de interpretação do pombalino *Compêndio Histórico*⁵ que, ainda que distante no tempo, criou um paradigma de interpretação lançando sobre os finais do século XVI e todo o século XVII o anátema do «mau-gosto», de inspiração «jesuíta», responsável por um clima de «decadência» da prosa e da poesia. Sabemos hoje, com um distanciamento que a investigação sobre «estética» barroca permite pelo «exercício» de revalorização de um tempo e de uma produção «literária» que investia na criação vocabular e na fecundidade explicativa e simbólica da metáfora, que o final do século XVI, muitas vezes apelidado de «maneirista», e o longo período que chamamos «barroco», foram momentos em que a dimensão de trabalho sobre a linguagem e da exploração de todos os seus recursos atingiram um auge que hoje a poesia dos séculos XX-XXI procura recuperar, valorizando essa dimensão⁶. É verdade que a narrativa portuguesa do século XVII, os «livros de pastores» e os «livros de aventuras» mais ou menos «bizantinas», ou até as «novelas exemplares», não atingiram nem a qualidade da *Diana* (1569) de Jorge de Montemor ou de *L'Astrée* de Honoré d'Urf (1607-1627), nem a exemplaridade literária das *Novelas Ejemplares* (1613) de Cervantes. Contudo, porque tiveram leitores e circularam, merecem uma atenção que permitirá perceber melhor os desenvolvimentos da prosa narrativa do século XIX e a «formação do gosto» embora, como textos «codificados», muito ligados ao seu tempo, sejam hoje difíceis de ler e, sobretudo, de apreciar esteticamente pelo leitor contemporâneo que desconhece o seu contexto de produção e as expectativas do público do tempo⁷.

Os estudos que a seguir se apresentam resultaram de vários seminários de investigação propostos pelo GENPEM (Grupo de Estudos da Novela na Época Moderna)⁸, que tem vindo a empenhar-se em resgatar a prosa de ficção dos séculos XVII-XVIII do esquecimento a que tem sido votada, em nome de um «desinteresse» que não se

Ribeiro, como uma obra apreciada por aqueles que desconhecem os cânones do «bom-gosto» (SILVA, 1817: Canto III, 29). *Vd.* SANTOS, 2006: 187-199.

³ BEZERRA, 1785. «Advertencia Preliminar»: «Pertende só, que se confesse, que da leitura della se colherá algum fructo mais, que dos livros da *Constante Florinda*, dos *Pares de França*, e outros do mesmo carácter. Semelhantes livros mais próprios dos seculos bárbaros que dos iluminados tempos em que vivemos, devem ser substituídos, como o Autor julga, por obras, que servindo de recreio, instrução ao mesmo tempo a Nação nos costumes sólidos ds outras [...]».

⁴ BRAGA, 2006.

⁵ *Compêndio Histórico...*, 1772.

⁶ No âmbito de uma vastíssima bibliografia e apenas como exemplo ver HANSEN, 2006: 111-131.

⁷ De recordar as importantes contribuições de CARVALHO & PIRES, 2001; AUGUSTO, 2004; RAMON, 2005: 446-473; RAMON, 2008; FREITAS, 2006; COSTA, 2007; NEMÉSIO, 2010. Não esqueçamos, naturalmente, como não esqueceram José Adriano de Carvalho e Maria Lucília Gonçalves Pires, no volume *Maneirismo e Barroco*, as narrativas em ambiente convencional que têm vindo a ser estudadas por Isabel Morujão, Micaela Ramon ou Sara Augusto.

⁸ GEMPEM. Disponível em <<https://novelisticabarrocportuguesa.wordpress.com/>>.

compadece com critérios «científicos». Tornado objecto de investigação, este tipo de prosa narrativa permite perceber estratégias de composição, definição de personagens, temáticas diversas que interessavam o público do tempo e conciliavam a atenção de editores e livreiros. Por outro lado, uma leitura mesmo que não exaustiva dos paratextos revela razões de composição, diferentes dos «livros de pastores» para as «novelas exemplares ou de aventuras», por exemplo, justificadas pela necessidade do *delectare*, sem esquecer o *prodesse*, muitas vezes em longos prólogos justificativos da opção por uma tipologia textual que trazia consigo a carga simbólica dos «perigos comportamentais», sobretudo em termos de educação feminina, que os moralistas do século XVI lhe tinham assacado, «acusando» livros de cavalarias e livros de pastores. Estudar a prosa de ficção dos séculos XVI-XVIII configura, deste modo, o objectivo maior deste grupo de investigação que pretende disponibilizar, digitalizadas, o maior número de edições, acompanhando-as de uma bibliografia actualizada.

No caso particular do conjunto de estudos a seguir apresentados, o tema agregador — os «livros de pastores» nos séculos XVI-XVII — permitiu a reflexão particular sobre a figura do «pastor». Este «livrinho» encontra-se, assim, dividido em três partes: na primeira, *A prosa de ficção nas encruzilhadas da codificação e do hibridismo*, Marta Marecos Duarte estuda aspectos da *Menina e Moça* no artigo intitulado *Na antecâmara do romance pastoril: género e paródia na Menina e Moça de Bernardim Ribeiro* e Ana Ferreira da Silva analisa, do ponto de vista da relação entre texto e público, a obra *El pastor de Fílida* — *Debajo del sayal hay ál: individuo e sociedade em El pastor de Fílida*. A parte II, que obedece à epígrafe «*Espiritualizando*» a figura do pastor: *textos e contextos*, enquadra a reflexão sobre o «peso» da literatura de espiritualidade e dos seus temas fundamentais na concepção dos «livros de pastores», estudando o caso particular das ligações entre o processo de composição de *ekphrasis* em *A Primavera* (1601) de Francisco Rodrigues Lobo, por Lucília Didier, enquanto Paula Almeida Mendes examina o tema de «Cristo, Bom Pastor», em «vidas» dos séculos XVI-XVII, mostrando a respectiva perenidade: *Modernizando o tema do Cristo Bom Pastor. Reactualizações à luz de «Vidas» de prelados em Portugal (séculos XVI-XVII)*. A Parte III, intitulada *A poesia em Portugal (século XVI — primeira metade do século XVII): as duas faces de Jano*, estuda, por um lado, a «voz feminina» nas écloas de Diogo Bernardes e Camões, enquanto o estudo de Gil Clemente Teixeira se debruça sobre a *Lusitânia Transformada* (1607) de Fernão Álvares do Oriente, centrando-se na personagem de Liriano.

A investigação desenvolvida, problematizando não apenas a «figura» do pastor, como tema e personagem, permite algumas conclusões merecedoras de reflexão: tendo examinado a *Menina e Moça*, em termos de «revisitação da presença do código pastoril», Marta Marecos conclui que «Respondendo aos desafios colocados pela extensão da imprensa e do mercado do livro, do número de leitores e dos âmbitos

de leitura, diante da tradição, o autor constitui, antes de mais, um leitor, procurando compassar-se com a nova realidade do “gosto pessoal”, em clara ascensão relativamente ao plano das normas. Assim, espelhando o processo de “tensión entre el hábito de imitación de los modelos recibidos y la voluntad de sobreponer a ellos su propia aportación», no texto da *Menina e Moça* delinea-se o bosquejo de uma prossecução de leituras (reflexo de algumas décadas de consolidação da imprensa), que na sua aparente assistemática convergem na afirmação de uma posição autoral. A conformação dessa posição no texto reflete pois não só as convenções dos géneros literários mais divulgados, mas também os paradigmas e grupos sociais refletidos nessas formas literárias, percebidos no seu carácter temporal de mutação». Ana Filipa Gomes Ferreira, movendo-se no âmbito bem mais complexo que o português, dos livros de pastores castelhanos, avança como hipótese viável a ideia de que «As novidades introduzidas por Luis Gálvez de Montalvo superam a mera opção estrutural, estendendo-se à própria concepção do bucolismo literário, o qual, para além de assimilar tradições estéticas e ideológicas de diversas proveniências, passa a conjugar de forma mais franca e ousada a universalidade do mito arcádico com a curiosidade da anedota circunstancial, eternizada, deste modo, num género por onde o tempo não passa e que passa por todos os tempos». Enquanto estas hipóteses de trabalho permitem abrir um campo de reflexão a estender a outros textos, a segunda parte, que revisita o âmbito da temática do «pastor», mostra, por um lado, o intenso recurso ao processo compositivo da *ekphrasis* e a «dimensão» espiritualizada do tema na figura do «Bom Pastor» que Paula Almeida prova, convocando um amplo conjunto de obras: «Os exemplos evocados parecem-nos, efectivamente, mostrar que a Bíblia e, neste caso concreto, a imagem do Bom Pastor continua a funcionar, nos séculos XVI e XVII, como um macro-texto, graças, em boa medida, à plasticidade que a configura», ao mesmo tempo que Lucília Didier sublinha que *A Primavera* de Francisco Rodrigues Lobo «Na busca de uma integração com uma inteligência superior e criadora e escrita sob o signo da visão e da luz, *A Primavera* utiliza todos os recursos retóricos que permitam despertar o homem através dos olhos, o sentido primeiro que permite a evolução, sobretudo na sociedade seiscentista em que os sentidos ocupavam um lugar tão destacado. Assim como as igrejas medievais expunham os seus símbolos para aqueles que não sabiam ler, também Rodrigues Lobo pretende captar o leitor neófito através da imagem literária, do *docere* e do *movere*, a persuasão pela empatia, por um lado dos comportamentos e das convenções palacianas e, por outro, pelo fantástico e surpreendente e pela beleza pura. Os olhos são o meio, o objetivo é a luz que dá sentido e significado ao mundo». A terceira parte, através do estudo da «voz feminina», entende, nas palavras de Ana Filipa Gomes Ferreira que «O discurso feminino não coincide com o masculino, da mesma forma que não convergem as suas perspectivas, distanciando-se através do diálogo. Bernardes e Camões concordam no

valor da palavra, na importância de ouvir a mulher, em criar finais infelizes para os amantes e na impossibilidade de encontro — seja devido à ausência, seja encenando o desencontro dos amantes», enquanto Gil Teixeira, que tomou como objecto de estudo a *Lusitânia Transformada*, propõe que «Como obra maneirista, justamente apelidada por Ana Hatherly de “anti-Lusíadas”, na *Lusitânia Transformada* tudo está em crise, inclusive a poesia, como bem nota António Cirurgião no final do seu trabalho. Perguntamo-nos: o tempo passou? Para resolver a crise da poesia propõe-nos Fernão Álvares o exemplo de Camões. Perguntamo-nos: terá caducado a validade desta solução numa sociedade cujas entidades veneradas continuam a ser Dionísio e Aristipo e, ao contrário do que afirma o pescador Flumínio, o que mais se preza é aquilo que menos custa? Perguntamo-nos: alcançam as palavras deste autor o objetivo de reabilitar o templo da Poesia? Fernão Álvares do Oriente, poeta e cristão, acredita que sim».

Mais do que um conjunto de conclusões o que aqui se apresenta é um programa de investigação que pretende dar voz ao estudo da prosa de ficção dos séculos XVI-XVIII, em Portugal, examinando textos, temas, personagens, paratextos, contribuindo para recolocar estas narrativas no campo «científico» dos estudos literários e de cultura. Esperemos que assim seja, agradecendo, desde já, o contributo de todos os investigadores que permitiram que, sob a égide do GENPEM da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, este livro visse a luz.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Sara (2004) — *A Alegoria na ficção romanesca do maneirismo e do barroco*. Viseu: [s.n.]. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Católica Portuguesa.
- BRAGA, Teófilo (2006) — *Os Seiscentistas*. In *História da Literatura Portuguesa*, vol. III. Lisboa: IN-CM. Reimpressão.
- BEZERRA, Manuel de Lima (1785) — *Os Estrangeiros no Lima ou conversações eruditas sobre vários pontos de Historia Ecclesiastica, Civil, Litteraria, Natural [...]*. Coimbra: Real Officina da Universidade.
- CARVALHO, José Adriano de Freitas; PIRES, Maria Lucília Gonçalves (2001) — *Maneirismo e Barroco*. Lisboa: Verbo.
- COMPÊNDIO Histórico do Estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados jesuítas [...]. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1772.
- COSTA, Ana Cecília (2007) — *Erudição e utilitas na Obra de Frei Lucas de Santa Catarina: [1660-1740]*. Porto: [Edição de autor]. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- FREITAS, César Augusto Martins Miranda de (2006) — *A novelística portuguesa no século XVII: o caso de Mateus Ribeiro*. Porto: [Edição de autor]. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- HANSEN, J. A. (2006) — *Ut pictura poesis e verossimilhança na doutrina do conceito no século XVII colonial*. «Floema Especial», ano II, (out. 2006), p. 111-131.
- NEMÉSIO, Maria Inês de Andrade e Castro Monjardino (2010) — «*Exemplares Novelas*» e «*Novelas Exemplares*»: os paratextos da ficção em prosa no século XVII. Porto: [Edição de autor]. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- OSÓRIO, Jorge Alves (1996) — *Algumas reflexões sobre o Preâmbulo de «Menina e Moça»*. «Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas», II série, vol. 13.
- (2004) — *Silêncios em Menina e Moça de Bernardim Ribeiro*. «Revista de Estudos Ibéricos – Península», p. 351-376.
- RAMON, Micaela (2005) — O Lugar da Novela Alegórica na História da Prosa Narrativa de Ficção dos Séculos XVII e XVIII. In FERNANDES, Maria da Penha Campos, coord. — *História(s) da Literatura. Actas do 1º Congresso Internacional de Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas*. Coimbra: Almedina, p. 466-473.
- (2008) — *Unité dans la diversité. Les nouvelles allégoriques comme genre narratif hybride*. In NEIVA, Saulo; MONTANDON, Alain, eds. — *Fortunes et infortunes des genres littéraires en Europe. Deuxième Congrès du Réseau Européen d'études littéraires comparées*. Clermont-Ferrand: Centre de Recherches sur les Littératures Modernes et Contemporaines, Université Blaise Pascal – Maison des Sciences de l'Homme. Disponible à <<http://eurolit.net/index.php?q=node/24>>.
- SANTOS, Zulmira (2006) — *Vícios, virtudes e paixões: a novela como Catecismo no século XVIII*. «Revista de Estudos Ibéricos – Península», n.º 3, p. 187-199.
- SILVA, António Diniz da Cruz e (1817) — *O Hyssope. Poema Heroi-Cômico*. Nova Edição correcta, com variantes, prefácios e notas. Paris: Oficina de A. Bobée, Canto III, p. 29.
- VERNEY, Luís António (1950) — *Verdadeiro Método de Estudar*. In SALGADO JÚNIOR, António, ed., — *Estudos Literários*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, p.115.